



ARTIGOS

The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA): propriedades psicométricas da versão brasileira em uma amostra de mães

The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA): psychometric properties of Brazilian version in a mothers' sample

The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA): propiedades psicométricas de la versión brasileña en una muestra de madres

Luiza Dalla Corte

Euzebio¹

orcid.org/0000-0003-0440-7177

luiza.dce@gmail.com

Clarisse Pereira

Mosmann¹

orcid.org/0000-0002-9275-1105

clarissepm@unisinios.br

Recebido em: 16 ago. 2021.

Aprovado em: 02 dez. 2021.

Publicado em: 25 set. 2025.

Resumo: Coparentalidade é um subsistema familiar composto de uma díade de cuidadores, corresponsáveis em proporcionar proteção, segurança e suporte emocional e físico às necessidades dos filhos. Nas últimas décadas, houve um considerável aumento de pesquisas relacionando a coparentalidade com o desenvolvimento dos filhos. Porém, a mensuração desse fenômeno no Brasil ainda é incipiente. Portanto, o objetivo deste estudo foi avaliar as propriedades psicométricas do Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA) em uma amostra de mães. Participaram deste estudo 221 mães de adolescentes (M = 15,46 anos e DP = 1,52). Um questionário sociodemográfico e a versão traduzida para o português do Brasil do CI-PA foram aplicados nesta amostra no formato *online*. Análises fatoriais confirmatórias, teste de confiabilidade pelo alfa de Cronbach e análises de correlação foram realizadas para a identificação dessas propriedades. Assim, as análises conduzidas sugerem que o CI-PA possui propriedades psicométricas apropriadas para utilização clínica e em pesquisas com o instrumento no Brasil.

Palavras-chave: coparentalidade; propriedades psicométricas; modelo de três fatores; mães; adolescentes.

Abstract: Coparenting is a family subsystem composed of a dyad of caregivers, who are co-responsible for providing protection, security, emotional and physical support to the needs of their children. In recent decades, there has been a considerable increase in research relating coparenting with children's development. However, the measurement of this phenomenon in Brazil is still incipient. Therefore, the aim of this study was to assess the psychometric properties of the Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA) in a mother's sample. 221 mothers of adolescents participated in this study (M = 15.46 years and SD = 1.52). A sociodemographic questionnaire and the Brazilian Portuguese version of the CI-PA were applied to this sample in online format. Confirmatory factor analyses, reliability test by Cronbach's alpha and correlation analyzes were performed to identify these properties. The conducted analyzes suggest that CI-PA has appropriate psychometric properties for clinical and research utilization of the instrument in Brazil.

Keywords: coparenting; psychometric properties; three-factor-model; mothers; adolescents.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

Resumen: La coparentalidad es un subsistema familiar compuesto por una díada de cuidadores, que son corresponsables de brindar protección, seguridad, apoyo emocional y físico a las necesidades de sus hijos. En las últimas décadas, ha habido un aumento considerable en la investigación que relaciona creación compartida con el desarrollo de los niños. Sin embargo, la medición de este fenómeno en Brasil es aún incipiente. Por tanto, el objetivo de este estudio fue evaluar las propiedades psicométricas del Inventario de Coparentalidad para

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS, Brasil.

Padres y Adolescentes (CI-PA) em una muestra de madres. En este estudio participaron 221 madres de adolescentes ($M = 15,46$ años y $DT = 1,52$). A esta muestra se le aplicó un cuestionario sociodemográfico y la versión en portugués brasileño del CI-PA en formato online. Se realizaron análisis factoriales confirmatorios, pruebas de confiabilidad a través del alfa de Cronbach y análisis de correlación para identificar estas propiedades. Los análisis realizados sugieren que CI-PA tiene propiedades psicométricas apropiadas para uso clínico y de investigación en Brasil.

Palabras-claves: coparentalidad; propiedades psicométricas; modelo de tres factores; madres adolescentes.

As interações em nível familiar são as mais investigadas em termos de evidências sobre suas relações com o desenvolvimento dos filhos (Frizzo et al., 2005; Machado & Mosmann, 2019; Mosmann, Costa, et al., 2018). A importância de investigar as conexões entre os subsistemas familiares aumenta, à medida que surgem mais resultados de investigações sobre as interferências delas no comportamento dos filhos (Costa et al., 2017; Marsanić & Kusmić, 2013).

Dentre as variáveis familiares investigadas nessas interações, destaca-se a coparentalidade. Ela constitui um subsistema familiar composto de dois cuidadores, independentemente do laço relacional, corresponsáveis em proporcionar proteção, segurança e suporte emocional e físico às necessidades dos filhos (Feinberg, 2003). Está relacionada com a maneira como esses cuidadores manejam suas funções parentais, em questões de apoio e conflitos referentes aos cuidados com os filhos (Costa et al., 2017; Feinberg, 2003; Frizzo et al., 2005).

Estudos realizados no contexto da coparentalidade têm sido conduzidos para verificar possíveis associações com o desenvolvimento dos filhos (Costa et al., 2017; Mosmann et al., 2017), como sintomas internalizantes e externalizantes (Machado & Mosmann, 2019; Mosmann, Costa, et al., 2018) e, ainda, repercussões no casal e no clima familiar, como estresse familiar, depressão e angústia nos pais (Majdandžić et al., 2012). Dessa forma, atuar preventivamente, junto aos cuidadores, no sentido de desenvolvimento de habilidades coparentais, é essencial para o desenvolvimento dos filhos (Costa et al., 2017; Frizzo et al., 2005) e do sistema familiar em sua tota-

lidade (Prati & Koller, 2011; Wagner et al., 2019).

No entanto, para mensurar o constructo da coparentalidade, são necessários instrumentos de medidas válidos e de qualidade psicométrica (Alexandre et al., 2013; Frizzo et al., 2005; Souza et al., 2017). A literatura científica sobre a mensuração da coparentalidade aponta que existem três instrumentos internacionais com evidências psicométricas satisfatórias para mensuração do construto (Carvalho & Barham, 2016): a escala Parenting Alliance Measure (PAM) (Konold & Abidin, 2001), a Coparenting Relationship Scale (CRS) (Feinberg, Brown, & Kan, 2012) e a Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA) (Teubert & Pinquart, 2011).

Atualmente, no Brasil, existem dois instrumentos traduzidos e com evidências de validade, que são o Coparenting Relationship Scale (Carvalho et al., 2018) e a versão brasileira do Coparenting Inventory for Parents and Adolescents, com as medidas psicométricas da versão para adolescentes (Mosmann, Machado, et al., 2018). A literatura sobre avaliação da interação familiar sugere que coletar informações de díades e tríades da família pode propiciar maior precisão, considerando a complexidade da interação entre os subsistemas familiares (Fisher, 1982; Souza et al., 2011).

Assim, o CI-PA possui uma característica singular de possibilitar respondentes sob mais de uma perspectiva do mesmo fenômeno, aumentando a fidedignidade na mensuração da coparentalidade. Em 2011, foi publicado o primeiro inventário na Alemanha, proposto por Teubert e Pinquart, que pode ser respondido por duas perspectivas: uma pelos filhos adolescentes, e a outra pela dupla de cuidadores, avaliando o fenômeno coparental em nível individual e diádico (Teubert & Pinquart, 2011).

O inventário consiste em aferir as dimensões de conflito, triangulação e cooperação da díade coparental em uma escala Likert, variando desde 0 (completamente verdadeiro) até 4 (pouco verdadeiro), com base nas percepções dos cuidadores e dos adolescentes. A dimensão do conflito está relacionada com a quantidade e a

frequência das discussões sobre a educação dos filhos. Já a triangulação se relaciona a uma distorção dos limites entre pai/mãe e filho, em que um dos cuidadores estabelece uma coalizão com a criança, enfraquecendo o outro cuidador e, em algumas situações, obrigando a criança a tomar partido de um dos cuidadores. Por fim, a dimensão de cooperação está relacionada com o suporte, a validação, o respeito e o entendimento de que o outro cuidador é emocionalmente capaz de exercer as funções parentais (Margolin et al., 2001).

A versão do inventário CI-PA para os cuidadores consiste em duas partes: na primeira parte, os pais relatam sobre a coparentalidade no nível diádico, como "meu parceiro e eu conversamos sobre a criação dos filhos". A segunda parte avalia a percepção do cuidador sobre a contribuição de seu parceiro para a coparentalidade, como "meu parceiro me informa sobre decisões importantes a respeito de nosso filho". O formato para adolescentes responderem visa verificar a contribuição de cada membro da díade e a contribuição da díade coparental no exercício da coparentalidade.

O CI-PA já possui um estudo das propriedades psicométricas em uma amostra brasileira (Mosmann, Machado, et al., 2018), mas apenas na versão para adolescentes. Assim, o estudo foi realizado com 411 adolescentes (entre 11 e 18 anos). Os alfas da mãe (conflito = 0,63, cooperação = 0,86 e triangulação = 0,81), do pai (conflito = 0,79, cooperação = 0,85 e triangulação = 0,86) e da díade (conflito = 0,84, cooperação = 0,75 e triangulação = 0,83) foram considerados confiáveis. Os índices de análise confirmatória da mãe (NNFI = 0,93, CFI = 0,95 e RMSEA = 0,06), do pai (NNFI = 0,96, CFI = 0,96 e RMSEA = 0,05) e da díade (NNFI = 0,95, CFI = 0,96 e RMSEA = 0,06) apresentaram bons índices de ajuste de modelo. As propriedades psicométricas realizadas para este estudo indicaram valores de alfa, confiabilidade e de variância, com indicação de boa qualidade.

Porém, pesquisadores, no âmbito da família, sugerem que uma investigação multinível, que

se propõe a medir a interação familiar pelas perspectivas individual, diádica e social, pode garantir maior fidedignidade ao medir as relações familiares (Oliva & Freijo, 2005). Nesse sentido, faz-se indispensável o uso de instrumentos com capacidade de medir o fenômeno coparental com toda sua complexidade nas interações familiares para a amostra brasileira (Carvalho & Barham, 2016; Frizzo et al., 2005).

Levando em consideração que a avaliação multinível das interações nos subsistemas conjugal, parental e coparental ainda é incipiente no Brasil, incluir as medidas de coparentalidade, a partir da percepção da própria díade coparental, em articulação com as medidas dos adolescentes (Mosmann, Machado, et al., 2018), pode tornar a avaliação do constructo mais precisa. Nesse sentido, este estudo se propôs a avaliar as propriedades psicométricas do The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA) em uma amostra de mães brasileiras.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 221 mães, com idades entre 29 e 58 anos (média 42,79 anos, desvio-padrão 7,25). As participantes foram acesadas a partir de divulgação e convite nas redes sociais, sendo direcionadas a um questionário *online*. Foram incluídas na amostra participantes que eram mães de adolescentes (10-18 anos) (M = 15,46 anos e DP = 1,52) e faziam parte de uma díade coparental. A Tabela 1 contempla a caracterização da amostra para este estudo.

Tabela 1*Caracterização das participantes*

Variáveis sociodemográficas	N.	%
Escolaridade		
Ensino Fundamental incompleto	8	3,6
Ensino Fundamental completo	5	2,3
Ensino Médio incompleto	15	6,8
Ensino Médio completo	40	18,0
Ensino Técnico	7	3,2
Ensino Superior incompleto	29	13,1
Ensino Superior completo	50	22,6
Pós-graduação incompleta	7	3,2
Pós-graduação completa	60	27,1
Renda		
Não tem renda pessoal	34	15,4
1 a 3 salários-mínimos	112	50,7
4 a 6 salários-mínimos	45	20,4
7 a 9 salários-mínimos	15	6,8
10 a 15 salários-mínimos	11	5,0
16 ou mais salários-mínimos	4	1,8
Sexo designado dos filhos		
Feminino	103	46,6
Masculino	118	53,4

Sobre a pessoa que exerce a coparentalidade com a mãe, a maioria da amostra (82,4%) citou o pai ou companheiro (n = 182), seguido de 12,2% relatando os avós (n = 27) e 1,8% assinalando filhos (n = 4). Os outros 3,6% dos participantes marcaram outras pessoas (n = 8) como diáde coparental, incluindo amigos e outros parentes.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Construído para este estudo, conta com 15 questões, buscando obter as seguintes informações: sexo, idade, situação conjugal atual, tempo de união com o atual cônjuge, se a mãe já foi casada anteriormente e o tempo dessa união, escolaridade, profissão, trabalho atual, renda, informações sobre os filhos (número de filhos e idades), se já fez psicoterapia, qual a modalidade de psicoterapia, motivo da busca de psicoterapia, religião e se possui diagnóstico psiquiátrico.

The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents CI-PA. A versão para pais (Teubert & Pinguart, 2011) consiste em duas partes, e cada uma avalia a coparentalidade a partir de três dimensões (cooperação, conflito e triangulação), compostas de 25 itens. Na primeira parte, os cuidadores relatam sobre as dimensões da coparentalidade no nível diádico (por exemplo, "meu parceiro e eu concordamos em cumprir os desejos e demandas de nosso filho"), sendo cooperação coparental familiar quatro itens, conflito coparental familiar quatro itens, e triangulação coparental familiar quatro itens. A segunda parte avalia a percepção do cuidador sobre a contribuição de seu parceiro para as dimensões da coparentalidade (por exemplo, "meu parceiro me informa sobre eventos importantes relacionados ao nosso filho"), sendo cooperação coparental do outro quatro itens, conflito coparental do outro quatro itens, e triangulação coparental do outro quatro itens. Cada item do CI-PA é classificado numa escala Likert, variando desde 0 (completamente verdadeiro) até 4 (pouco verdadeiro).

O estudo original avaliou 481 famílias, com pais, mães e adolescentes alemães. Dessas famílias, em 41 casos, somente mães respon-

deram, e, em 6 casos, somente os pais, pois o outro cuidador não estava disponível ou não estava interessado em fazer parte do estudo. A análise de consistência interna da escala original apresentou alfa de Cronbach $\alpha > .70$, para quase todas as subescalas. Apenas para triangulação dos pais, apresentou alfas de $\alpha = .67$ e $\alpha = .65$. Para a análise fatorial confirmatória, os índices apresentaram um modelo aceitável, sendo a avaliação da mãe sobre a diáde: RMSEA = 0,03, SRMR = 0,04 e CFI = 0,98; e a avaliação da mãe sobre o pai: RMSEA = 0,05, SRMR = 0,07 e CFI = 0,94. Já a avaliação do pai apresentou os seguintes índices sobre a diáde: RMSEA = 0,03, SRMR = 0,04 e CFI = 0,98; e a avaliação do pai sobre a mãe: RMSEA = 0,05, SRMR = 0,07 e CFI = 0,94.

A adaptação do instrumento para língua portuguesa do Brasil foi conduzida a partir das etapas propostas por Beaton et al. (2000), quanto às diretrizes de adaptação transcultural de medidas de autorrelato. As etapas são: (i) tradução, (ii) síntese, (iii) retrotradução, (iv) avaliação por comitê de especialistas e (v) pré-teste. A partir da avaliação por juízes, para a população brasileira, foi decidido inverter os itens da escala Likert. Considera-se, então, na versão brasileira, este formato: nada verdadeiro (valor 0), pouco verdadeiro (valor 1), verdadeiro (valor 2), muito verdadeiro (valor 3) e totalmente verdadeiro (valor 4).

Procedimentos éticos e de coleta de dados

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, sob o número do parecer 3.993.465 (CAAE: 30444520.2.0000.5344), em congruência com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 510/2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016), que regulamenta as pesquisas brasileiras com seres humanos. As participantes foram selecionadas por critério de conveniência, com o método Snowball (Flick, 2009), e a aplicação foi realizada de forma *online*, através do Google Forms. Todas as participantes marcaram "sim" para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no questionário *online*, assentindo participação

no estudo. Foram garantidas a confidencialidade e a autonomia no caso de não querer mais fazer parte desta investigação.

Análise de dados

Os dados coletados foram inseridos no *software* Statistical Package for Social Science 20.0 (SPSS), a fim de verificar as estatísticas descritivas, a média e o desvio-padrão da amostra de mães nos fatores realizados para o estudo da escala alemã (Teubert & Pinguart, 2011). Para a avaliação de consistência interna da escala brasileira, foi utilizado o coeficiente alfa de Cronbach, que demonstra o grau de covariância entre os itens de um instrumento (Souza et al., 2017). Estudos na área determinam que valores superiores a 0,7 sejam ideais (Souza et al., 2017; Streiner, 2003).

Para verificar as propriedades psicométricas da escala brasileira, foi realizada análise fatorial confirmatória (AFC), inserindo os dados obtidos no *software* Statistical Package for Social Sciences Analysis of Moment Structures 22.0 (IBM SPSS AMOS). A AFC é usada para fornecer um teste confirmatório da teoria de mensuração (Hair et al., 2009). Assim, a AFC foi conduzida, nas variáveis observáveis, para testar o modelo da coparentalidade a partir de três fatores (cooperação, conflito e triangulação), postulados para cada parte do inventário (avaliação individual e

avaliação da diade).

Com um modelo de bom ajuste, interpretar as variáveis estatísticas revela a natureza da relação multivariada (Hair et al., 2009). Para a avaliação de ajuste de modelo, os seguintes índices foram utilizados: medidas absolutas – qui-quadrado/graus de liberdade- χ^2/df , Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) – e medida de ajuste incremental – Comparative Fit Index (CFI). Os índices de ajuste satisfatórios de modelo são os valores de χ^2/df abaixo de 5, de RMSEA menores do que 0,10 e de CFI maiores do que 0,90 (Hair et al., 2009). Os parâmetros do modelo foram estimados usando o método de estimativa robusta de máxima verossimilhança (Maximum Likelihood Robust).

Resultados

Análises descritivas e de correlação

Foram conduzidas estatísticas descritivas, com as medidas trabalhadas neste estudo, sendo elas a cooperação, o conflito e a triangulação. Depois de verificar que se tratava de uma amostra não normal, foi realizada a análise de correlação de Spearman para avaliar as relações internas entre as dimensões. A descrição completa das correlações e análises de média e desvio-padrão se encontra na Tabela 2.

Tabela 2

Médias, desvio-padrão e correlações entre as subescalas

	Média	Desvio-padrão	1	2	3	4	5	6
1 CP MD	3,21	1,04	1					
2 CF MD	1,31	0,85	-,637**	1				
3 TR MD	1,03	0,96	-,264*	,386**	1			
4 CP MO	3,29	0,93	,641**	-,592**	-,403**	1		
5 CF MO	1,65	1,12	-,166*	,264**	,449**	-,227**	1	
6 TR MO	0,50	0,93	-,351**	,351**	,554**	-,464**	,242**	1

Nota. CP = cooperação coparental; CF = conflito coparental; TR = triangulação coparental; MD = mãe sobre a diade; MO = mãe sobre o outro.

* Correlação é significativa no nível 0.05 (2-tailed).

** Correlação é significativa no nível 0.01(2-tailed).

Comparação de média das dimensões e idade dos filhos

A comparação das médias dos escores das dimensões indicou diferença significativa, considerando a triangulação da díade coparental nos

filhos com idades de adolescência inicial comparados aos de adolescência média ($p = 0,002$) e a nos filhos na adolescência inicial comparados aos na adolescência final ($p = 0,001$). As análises de comparação estão detalhadas na Tabela 3.

Tabela 3

Teste de Mann-Whitney para comparação de médias

	CO MD				CF MD			TR MD		
	N.	Mean rank	Mann-Whitney U	Sig. (p)	Mean rank	Mann-Whitney U	Sig. (p)	Mean rank	Mann-Whitney U	Sig. (p)
Adolescência inicial	9	67,83			97,83			126,22		
Adolescência média	152	81,78	565,500	,365	80,00	532,500	,263	78,32	277,000	,002*
Adolescência inicial	9	31,06			41,06			55,67		
Adolescência final	60	35,59	234,500	,513	34,09	215,500	,328	31,90	84,000	,001*
Adolescência média	152	107,63			104,85			108,52		
Adolescência final	60	103,64	4388,500	,657	110,69	4308,500	,530	101,38	4253,000	,439
	CO MO				CF MO			TR MO		
	N.	Mean rank	Mann-Whitney U	Sig. (p)	Mean rank	Mann-Whitney U	Sig. (p)	Mean rank	Mann-Whitney U	Sig. (p)
Adolescência inicial	9	73,28			107,89			79,06		
Adolescência média	152	81,46	614,500	,600	79,41	442,000	,074	81,12	666,500	,885
Adolescência inicial	9	36,94			48,94			36,89		
Adolescência final	60	34,71	252,500	,752	32,91	144,500	,025	34,72	253,000	,710
Adolescência média	152	110,88			110,11			109,46		
Adolescência final	60	95,42	3895,000	0,92	97,36	4011,500	,172	98,99	4109,500	,198

Nota. CP = cooperação coparental; CF = conflito coparental; TR = triangulação coparental; MD = mãe sobre a díade; MO = mãe sobre o outro.

* Significativo $p < 0,05$.

Consistência Interna

Para a análise de confiabilidade da escala, os resultados avaliados através do alfa de Cronbach das dimensões da escala foram considerados satisfatórios. A dimensão "avaliação da mãe sobre a díade" apresentou os índices cooperação coparental ($\alpha = 0,89$), conflito coparental ($\alpha = 0,76$) e triangulação coparental ($\alpha = 0,79$). As dimensões de avaliação sobre o cônjuge ou o outro cuidador apresentaram os índices cooperação ($\alpha = 0,89$), conflito ($\alpha = 0,76$) e a triangulação ($\alpha = 0,92$).

Análise Fatorial Confirmatória

Para análise fatorial confirmatória da escala, foi considerada a estrutura fatorial, modelo de três fatores, encontrada pelos autores do instrumento (Teubert & Pinquart, 2011), ou seja, a avaliação da mãe sobre a díade foi realizada através das dimensões cooperação, conflito e triangulação, bem como a avaliação da mãe sobre o cônjuge através das dimensões cooperação, conflito e triangulação. Para essa amostra, o modelo se mostrou estatisticamente significativo, ao ajustar a covariância entre erros. Os modelos finais são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Análise fatorial confirmatória das subescalas

Modelo	Medidas de ajuste absoluto				Medida de ajuste incremental
	χ^2/df	P	RMSEA	SRMR	CFI
Mãe sobre a díade inicial	2,552	,000	,08	,06	,94
Mãe sobre a díade final	1,950	,000	,06	,05	,96
Mãe sobre o outro inicial	4,192	,000	,12	,10	,90
Mãe sobre o outro final	3,197	,000	,10	,10	,93

A análise fatorial confirmatória do CI-PA também estimou os parâmetros de cada fator, apresentando intervalos inferiores e superiores de confiança com estimativa Bootstrap. Esses índices são apresentados na Tabela 5, em que é possível observar as cargas fatoriais de cada um e a indicação do fator latente, além de verificar seus intervalos de confiança.

Tabela 5*Pesos padronizados subescalas (Bootstrap; ML; n = 200; IC = 90%)*

Item	Fator	Estimado	Inferior	Superior
MD item 1	<--- Cooperação	,860	,795	,893
MD item 2	<--- Cooperação	,888	,837	,924
MD item 3	<--- Cooperação	,720	,615	,802
MD item 4	<--- Cooperação	,848	,766	,894
MD item 5	<--- Conflito	,655	,574	,737
MD item 6	<--- Conflito	,857	,785	,898
MD item 7	<--- Conflito	,835	,783	,879
MD item 8	<--- Conflito	,398	,267	,511
MD item 9	<--- Triangulação	,808	,708	,862
MD item 10	<--- Triangulação	,960	,898	1,015
MD item 11	<--- Triangulação	,599	,468	,699
MD item 12	<--- Triangulação	,337	,216	,468
MO item 13	<--- Cooperação	,678	,555	,766
MO item 14	<--- Cooperação	,813	,716	,881
MO item 15	<--- Cooperação	,925	,868	,962
MO item 16	<--- Cooperação	,926	,878	,959
MO item 17	<--- Cooperação	,668	,566	,752
MO item 18	<--- Conflito	,499	,385	,593
MO item 19	<--- Conflito	,606	,486	,701
MO item 20	<--- Conflito	,912	,853	,968
MO item 21	<--- Conflito	,753	,656	,810
MO item 22	<--- Triangulação	,712	,614	,804
MO item 23	<--- Triangulação	,896	,849	,939
MO item 24	<--- Triangulação	,992	,965	1,011
MO item 25	<--- Triangulação	,884	,771	,934

Nota. MD = avaliação da mãe sobre a diáde; MO = avaliação da mãe sobre o outro.

Discussão

O objetivo deste estudo foi realizar a avaliação das propriedades psicométricas do Coparenting Inventory for Parents and Adolescents em uma amostra brasileira de mães. Para tanto, realizaram-se as análises descritivas e inferenciais, as análises correlacionais e as análises fatoriais. Os resultados indicaram, de forma geral, propriedades psicométricas bastante satisfatórias.

Observando as médias das dimensões, foi possível verificar que a cooperação obteve maiores médias ao compará-la com outras dimensões. Esse resultado também foi possível observar no estudo original, em que as médias foram 3,25 e 3,26 para avaliação da cooperação da mãe sobre a diade e da mãe sobre o outro, respectivamente. Tendo em vista que a cooperação reflete um senso de responsabilidade e o entendimento de que o outro cuidador está disponível física e emocionalmente para os filhos (Margolin et al., 2001; Mosmann, Costa, et al., 2018), é possível perceber que a preocupação em responder a pesquisas sobre a qualidade e as relações familiares está relacionada com responsabilidade e busca de conhecimento. Portanto, médias mais altas em cooperação podem ser relacionadas com participantes com melhor qualidade coparental. Também são esperados alguns níveis de desejabilidade social das respondentes, isto é, uma tendência para atribuírem a si mesmas atitudes e comportamentos socialmente desejáveis (Almiro, 2017). Nesse caso, a cooperação seria a melhor tendência socialmente aceita.

Esse instrumento visa verificar a coparentalidade de cuidadores de adolescentes em um largo espectro de idade (entre 10 e 18 anos). As fases da adolescência apresentam especificidades, sendo elas: adolescência inicial, dos 10 aos 13 anos; adolescência média, dos 14 aos 16 anos; e adolescência final, a partir dos 17 anos (Gaete, 2015). Comparando-se as médias das dimensões pela faixa etária dos filhos, nota-se uma diferença significativa nas médias de triangulação coparental com filhos de adolescência inicial, ao serem comparados com os outros adolescentes, em que as médias mais altas são as dos filhos mais

novos. Esse resultado pode ser explicado pela especificidade do início da adolescência, em que os filhos ainda têm uma relação mais vertical com seus pais, sendo mais passíveis de triangulação. Conforme o crescimento e as mudanças biológicas, cognitivas e sociais vão acontecendo no período da adolescência, as relações com os pais começam a ser mais igualitárias, e, gradualmente, os adolescentes percebem seus pais como menos poderosos e controladores ao longo do desenvolvimento (Branje, 2018).

O início da adolescência também marca uma crise familiar importante. Existe uma necessidade de maior autonomia dos filhos adolescentes, o que faz existir alguns conflitos familiares, em que os cuidadores podem divergir na decisão de deixar os filhos fazerem as próprias escolhas ou não. À medida que os adolescentes vão se desenvolvendo, possuem mais autonomia e exigem menos das decisões parentais (Smetana et al., 2005). Nesse sentido, um recente estudo (Riina et al., 2020), que examinou a trajetória longitudinal do conflito na coparentalidade relatada por mães e pais de adolescentes de 10 a 17 anos, verificou que o conflito coparental era maior nos adolescentes mais novos e diminuía ao longo da adolescência.

De acordo com a matriz de correlação, foram apontadas correlações positivas e significativas e correlações negativas entre os itens das extremidades opostas nas subescalas do CI-PA. Essa versão encontrou direções correlacionais entre as subescalas semelhantes ao estudo original. Apenas a correlação entre a avaliação de conflito da mãe sobre o pai/outro e a avaliação da triangulação da mãe sobre a diade, no estudo original, foi negativa, enquanto, na amostra brasileira, essa relação foi positiva. Esses dados são corroborados com as especificidades apontadas na literatura científica sobre os estudos de coparentalidade e desfechos nos filhos, em que as dimensões conflito e triangulação, denominadas "negativas" da coparentalidade, passam a aumentar juntas (Fosco & Grych, 2010; Koch et al., 2020; Machado & Mosmann, 2019; Zimmermann et al., 2020).

A estrutura fatorial da escala, testada na análise fatorial confirmatória, apresentou valores indicativos de um modelo de ajuste adequado, confirmado no modelo de três fatores. Sua multidimensionalidade, a partir desses fatores, tem sido uma perspectiva de boa interpretação de dados na literatura corrente sobre o tema (Teubert & Pinquart, 2011; Zimmermann et al., 2020), como estabelecido na escala original. Esses fatores, definidos como cooperação, conflito e triangulação, possibilitam a avaliação da coparentalidade na prática clínica, como proposto pela literatura da área (Costa et al., 2017; Margolin et al., 2001).

Ainda que os índices da estrutura fatorial confirmatória da escala tenham indicado um bom modelo de ajuste, os valores da amostra de mães brasileiras apresentaram índices menores do que o estudo original (Teubert & Pinquart, 2011). Esse resultado também incidu no estudo de evidências de validade do CI-PA, em uma amostra francesa (Zimmermann et al., 2020), em que os índices de AFC foram levemente inferiores ao da versão alemã. Esses resultados podem estar relacionados ao número menor de participantes nos estudos brasileiro e francês comparados ao original.

Quanto aos índices de consistência interna, os valores de alfa de Cronbach foram considerados bastante satisfatórios. De acordo com a literatura da área, um bom valor de alfa de Cronbach determina que valores superiores a 0,7 sejam os ideais (Kamalzadeh et al., 2016). Esses resultados são similares aos encontrados no estudo original. Entretanto, na versão das autoras alemãs (Teubert & Pinquart, 2011), para os índices de avaliação da triangulação da mãe sobre a díade, o índice de alfa foi de $\alpha = 0,65$, enquanto, na versão brasileira, apresentou um índice de alfa melhor ($\alpha = 0,79$) para a mesma subescala, indicando que esse instrumento apresenta bons níveis de propriedades psicométricas em comparação às demais versões existentes.

No Brasil, há poucos instrumentos que se propõem a avaliar os fenômenos familiares a partir das perspectivas de diferentes respondentes. A

coparentalidade é um subsistema familiar, que se refere à relação dos pais com seus filhos, não podendo, assim, ser considerada como um conceito apenas diádico. Logo, a coparentalidade é um constructo que necessariamente inclui, no mínimo, uma criança, constituindo-se de uma relação triádica (Frizzo et al., 2005). Nesse sentido, a literatura da área indica que sejam analisadas as perspectivas de mais de um respondente para obter uma avaliação mais precisa sobre o mesmo fenômeno, ou seja, que as avaliações sejam multiníveis (Oliva & Freijo, 2005). Esse instrumento é o único brasileiro que engloba a avaliação da coparentalidade a partir da percepção da mãe, do pai e do adolescente (Mosmann, Machado, et al., 2018), apresentando bons índices para uso em fins clínicos e acadêmicos no país, pois promove uma avaliação mais abrangente da coparentalidade nas famílias.

Como limitação do estudo, deve-se considerar que não foram utilizadas outras estratégias de mensuração, como avaliação de validade de critério e avaliação reteste, com intervalo de tempo para verificar a estabilidade de medida. Sugere-se, ainda, que sejam replicados os estudos com grupos diferentes, a fim de garantir maior fidedignidade de mensuração da escala. Ressalta-se, também, a importância de investir em outras estratégias de busca de participantes, por se tratar de uma coleta *online*, em que mais mulheres acessam os questionários, faltando a perspectiva masculina. Além disso, indica-se a reavaliação do estudo com uma amostra de pais, visto que há divergências na percepção das subescalas de cooperação, conflito e triangulação, de acordo com o papel que a pessoa ocupa na família (Teubert & Pinquart, 2011). Sugere-se que futuros estudos apliquem a escala em uma amostra de respondentes com mais de uma perspectiva sobre a díade coparental.

Referências

Alexandre, N. M. C., Gallasch, C. H., Lima, M. H. M., & Rodrigues, R. C. M. (2013). A confiabilidade no desenvolvimento e avaliação de instrumentos de medida na área da saúde. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 15(3), 802–809. <https://doi.org/10.5216/ree.v15i3.20776>

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a Desejabilidade Social e o Enviesamento de Respostas. *Revista Avaliação Psicológica, 16*(03). <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine, 25*(24), 3186–3191. <https://doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014>
- Branje, S. (2018). Development of Parent–Adolescent Relationships: Conflict Interactions as a Mechanism of Change. *Child Development Perspectives, 12*(3), 171–176. <https://doi.org/10.1111/cdep.12278>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016*. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>
- Carvalho, T. R., & Barham, E. J. (2016). Instrumentos para avaliar a coparentalidade: uma comparação de suas propriedades psicométricas. *Avaliação Psicológica, 15*(2), 207–215. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1502.09>
- Carvalho, T. R., Barham, E. J., de Souza, C. D., Böing, E., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). Cross-cultural adaptation of an instrument to assess coparenting: Coparenting relationship scale. *Psico-USF, 23*(2), 215–227. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230203>
- Costa, C., Rodrigues Machado, M., Cunha Schneider, M., & Mosmann, C. (2017). Subsistema coparental: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Psico, 48*(4), 339. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.4.25386>
- Feinberg, M. E. (2003). The Internal Structure and Ecological Context of Coparenting: A Framework for Research and Intervention. *Parenting, 3*(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice, 12*(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Fisher, L. (1982). Transactional Theories but Individual Assessment: A Frequent Discrepancy in Family Research. *Family Process, 21*(3), 313–320. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1982.00313.x>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3. ed.). Artmed.
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2010). Adolescent triangulation into parental conflicts: Longitudinal implications for appraisals and adolescent-parent Relations. *Journal of Marriage and Family, 72*(2), 254–266. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00697.x>
- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. *Journal of Human Growth and Development, 15*(3), 84. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19774>
- Gaete, V. (2015). Adolescent psychosocial development. *Revista Chilena de Pediatría, 86*(6), 436–443. <https://doi.org/10.1016/j.rchipe.2015.07.005>
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R., Tatham, R. (2009). *Análise multivariada de dados* (6. ed.). https://ia903108.us.archive.org/33/items/kupdf.net_hair-j-f-anaacutelise-multivariada-de-dados-6ordf-ediccedilatildeopdf/kupdf.net_hair-j-f-anaacutelise-multivariada-de-dados-6ordf-ediccedilatildeopdf.pdf
- Kamalzadeh, L., Nayeri, V., Soraya, S., Shariat, S. V., & Alavi, K. (2016). Determining test-retest reliability and internal consistency of the persian version of personality inventory for diagnostic and statistical manual of mental disorders–5th edition (PID-5) among medical students and patients with psychiatric disorders. *Journal of Isfahan Medical School, 34*(393), 901–907. <https://www2.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84994718004&partnerID=40&md5=3e-abc81b061ed401919b9ceec3bcag9>
- Koch, C., Schaefer, J. R., Schneider, M. C., & Mosmann, C. P. (2020). Coparentalidade e conflito pais-filhos em adolescentes envolvidos em práticas restaurativas. *Psico-USF, 25*(2), 343–355. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250212>
- Konold, T. R., & Abidin, R. R. (2001). Parenting Alliance: A Multifactor Perspective. *Assessment, 8*(1), 47–65.
- Machado, M. R., & Mosmann, C. P. (2019). Dimensões negativas da coparentalidade e sintomas internalizantes: a regulação emocional como mediadora. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 35*(spe), 1–9. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe12>
- Majdandžić, M., de Vente, W., Feinberg, M. E., Aktar, E., & Bögels, S. M. (2012). Bidirectional associations between coparenting relations and family member anxiety: a review and conceptual model. *Clinical Child and Family Psychology Review, 15*(1), 28–42. <https://doi.org/10.1007/s10567-011-0103-6>
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology, 15*(1), 3–21. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.3>
- Marsanić, V. B., & Kusmić, E. (2013). Coparenting within the family system: review of literature. *Collegium Anthropologicum, 37*(4), 1379–1383. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24611362>
- Mosmann, C., Costa, C. B., Silva, A. G. B., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas Em Psicologia, 26*(1), 429–442. <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-17pt>
- Mosmann, C. P., Costa, C. B., Einsfeld, P., Silva, A. G. M. da, & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas), 34*(4), 487–498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Mosmann, C. P., Machado, M. R., Costa, C. B., Gross, P. R. de C., & Abs, D. (2018). Propriedades psicométricas da versão brasileira do the coparenting inventory for parents and adolescents (CI-PA). *Revista Avaliação Psicológica, 17*(03), 399–406. <https://doi.org/10.15689/ap.2018.1703.14281.13>

Oliva, A., & Freijo, E. (2005). Investigación en contextos familiares y desarrollo psicológico: cuestiones metodológicas. In E. Freijo (Ed.), *Familia y desarrollo psicológico* (pp. 146–169). Pearson-Prentice Hall.

Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103–118. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652011000100007>

Riina, E. M., Lee, Jk., & Feinberg, M. E. (2020). Bidirectional Associations between Youth Adjustment and Mothers' and Fathers' Coparenting Conflict. *Journal of Youth and Adolescence*, 49(8), 1617–1630. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01262-6>

Smetana, J., Crean, H. F., & Campione-Barr, N. (2005). Adolescents' and parents' changing conceptions of parental authority. *New Directions for Child and Adolescent Development*, (108), 31–46. <https://doi.org/10.1002/cd.126>

Souza, A. C. de, Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. de B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde: Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil*, 26(3), 649–659. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300022>

Souza, J., Abade, F., da Silva, P. M. C., & Furtado, E. F. (2011). Avaliação do funcionamento familiar no contexto da saúde mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(6), 254–259. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000600007>

Streiner (2003). Starting at the beginning: An introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of Personality Assessment*, 80(1), 99–103.

Teubert, D., & Pinquart, M. (2011). The Coparenting Inventory for Parents and Adolescents (CI-PA) reliability and validity. *European Journal of Psychological Assessment*, 27(3), 206–215. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000068>

Wagner, A., Mosmann, C. P., Scheeren, P., & Levandowski, D. C. (2019). Conflict, Conflict Resolution and Marital Quality. *Paidéia*, 29, e2919. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2919>

Zimmermann, G., Antonietti, J. P., Sznitman, G. A., Petegem, S. van, & Darwiche, J. (2020). The French version of the coparenting inventory for parents and adolescents (CI-PA): psychometric properties and a cluster analytic approach. *Journal of Family Studies*, 28(2), 652–677. <https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1749714>

Luiza Dalla Corte Euzebio

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação (PPG) em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS. Membro do Núcleo de Estudos em Casais e Família (NECAF). Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC), com bolsa CAPES. Psicóloga clínica.

Clarisse Pereira Mosmann

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007), com estágio Pós-Doutoral na Universidade de Girona (2008) e na UFRGS (2010). Especialista em Terapia de Casal e Família pela Escuela de Formación en Terapia Familiar – STIRPE, Espanha (2003).

Endereço para correspondência:

Luiza Dalla Corte Euzebio
Avenida Unisinos, 950
Cristo Rei, 93.022-750
São Leopoldo, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.